A Europa em busca da soberania perdida

Europe seeks the lost sovereingty
Europa en busca de la soberanía perdida.

Ana Helena Gigliotti de Luna Freire

Resumo. A Europa entra em 2026 sob profunda fragilidade geopolítica. A guerra na Ucrânia chega ao quarto ano sem perspectiva de paz, enquanto a dependência europeia dos Estados Unidos em defesa, tecnologia, inteligência e energia limita sua autonomia. A segunda gestão Trump agrava o cenário com tarifas, redução de apoio à Ucrânia e à OTAN, exigência de maiores gastos militares e ameaças de anexação da Groenlândia, expondo fissuras inéditas na aliança atlântica. Ao mesmo tempo, a Europa enfrenta crises energética, econômica e industrial, agravadas pela sabotagem dos gasodutos Nord Stream. Buscando reduzir dependências, a UE avança em acordos comerciais com Mercosul e Índia, mas o acordo UE-Mercosul enfrenta forte contestação jurídica e política, resultando em suspensão e incertezas. Internamente, há avanços pontuais em alguns países, mas escândalos como os arquivos Epstein aprofundam crises políticas. O risco de isolamento, divisão e desindustrialização cresce, reforçando o debate sobre maior integração europeia.

Abstract: *Europe enters 2026 under profound geopolitical fragility. The war in Ukraine reaches its fourth year with no prospect of peace, while European dependence on the United States for defense, technology, intelligence, and energy limits its autonomy. The second Trump administration exacerbates the scenario with tariffs, reduced support for Ukraine and NATO, demands for increased military spending, and threats of annexation of Greenland, exposing unprecedented fissures in the Atlantic alliance. At the same time, Europe faces energy, economic, and industrial crises, aggravated by the sabotage of the Nord Stream gas pipelines. Seeking to reduce dependencies, the EU is advancing in trade agreements with Mercosur and India, but the EU-Mercosur agreement faces strong legal and political challenges, resulting in suspension and uncertainty. Internally, there are some advances in certain countries, but scandals such as the Epstein files deepen political crises. The risk of isolation, division, and deindustrialization grows, reinforcing the debate about greater European integration*

Resumen. *Europa entra en 2026 en una profunda fragilidad geopolítica. La guerra en Ucrania llega a su cuarto año sin perspectivas de paz, mientras que la dependencia europea de Estados Unidos en materia de defensa, tecnología, inteligencia y energía limita su autonomía. El segundo gobierno de Trump agrava el panorama con aranceles, menor apoyo a Ucrania y la OTAN, exigencias de mayor gasto militar y amenazas de anexión de Groenlandia, exponiendo fisuras sin precedentes en la alianza atlántica. Al mismo tiempo, Europa se enfrenta a crisis energéticas, económicas e industriales, agravadas por el sabotaje a los gasoductos Nord Stream. En un intento por reducir las dependencias, la UE avanza en los acuerdos comerciales con Mercosur e India, pero el acuerdo UE-Mercosur se enfrenta a fuertes desafíos legales y políticos, lo que genera*

suspensión e incertidumbre. Internamente, se observan algunos avances en ciertos países, pero escándalos como los archivos de Epstein profundizan las crisis políticas. El riesgo de aislamiento, división y desindustrialización crece, reforzando el debate sobre una mayor integración europea.

Os europeus devem estar saudosos dos tempos em que a maior fonte de ameaça à sua segurança era a Rússia. O ano de 2025 começou com sugestões de Trump sobre a Groenlândia e se encerrou com ameaças concretas de anexação da ilha-continente pelo governante estadunidense. Trump quer a Groenlândia e se oferece para comprá-la ou tomá-la. A Europa reage mostrando os dentes: enviando tropas e abrindo (um) consulado (francês) no território, mas não há condição de defesa. A Europa não tem como enfrentar os EUA num campo de batalhas: não tem forças militares expressivas, n*ão te*m contingente, nem armamentos, além da fragmentação de suas parcas capacidades de defesa. Além disso, e principalmente, é profudamente dependente da infraestrutura militar, tecnologia e inteligência dos próprios EUA. A Europa tem importantes lacunas em defesa aérea, armamento de longo alcance e commando unificado, o que torna uma ação independente praticamente impossível. A saída menos humilhante para os europeus neste caso, é vender a Groenlândia…

Neste novo cenário, a Guerra na Ucrânia caminha para o quarto ano, sem perspectiva de trégua. Uma nova rodada de negociações foi lançada no final de novembro de 2025, mas ficou estagnada. A Rússia segue bombardeando a Ucrânia e avançando no território, ainda que lentamente. Os europeus se opõem a qualquer mudança de fronteira conquistada pela força, o que, para eles, constituiria um precedente, incentivando a Rússia a prosseguir com sua expansão. A Europa segue firme no apoio à Ucrânia e tentando exercer pressão sobre a Rússia. Contudo, conforme apontado acima, europeus carecem dos meios necessários, o que os obriga a ocupar uma posição de dependência dos EUA, principal fornecedor de armas e pilar das garantias de segurança no âmbito de um ainda improvável acordo de paz.

A Europa inaugura o ano de 2026 numa posição bastante desconfortável do ponto de vista geopolítico. Por anos, os países europeus se mantiveram distantes da Rússia, fizeram jogo duplo com a China, que em posicionamentos oficiais é qualificada como um parceiro, concorrente e rival sistêmico, e se entregaram de braços abertos e olhos fechados para os EUA. Antes da gestão de Trump, a explosão dos Gasodutos Nordstream 1 e 2 - que também pode ser chamada de sabotagem -, já deixava a Europa numa situação de extrema fragilidade e vulnerabilidade. Isto porque os gasodutos traziam gás barato da Rússia, que abastecia a indústria e aquecia as resiências europeias, principalmente as alemãs. A explosão dos gasodutos empurrou ainda mais a Europa para a dependência dos EUA, que passou a ser não só de segurança, mas de energia.

Não se esperava a gradual ruptura de relações imposta pela segunda gestão Trump no EUA: os discursos na Conferência de Segurança em Munique, as tarifas, o desfinanciamento para a Ucrânia e para a Otan, seguidos de um movimento para que todos os países europeus membros da Aliança Militar do Atlântico Norte passassem a comprometer 5% de seus PIB em gastos militares e, finalmente, a ameaça de tomar a Groenlândia. Diante de ameaças concretas e da imprevisibilidade do governo Trup, a Europa vem buscando reduzir suas dependências de sistemas americanos como defesa, comércio, infraestrutura e comunicação. Os mais recentes e claros recados ao mundo foram os recém assinados acordos de livre comércio com o Mercosul e com a Índia.

As ameaças de Donald Trump sobre a Groenlândia, em especial, trouxeram um grande e histórico desafio à segurança europeia. Pela primeira vez desde o fim da Segunda Guerra Mundial, líderes europeus admitem abertamente a possibilidade de um conflito entre aliados da Otan. Apesar de criticar a Organização, Trump nunca cogitou (ao menos publicamente) retirar os EUA da aliança, mas para o acordo se manter, é necessária a permanência tanto dos Estados Unidos quanto da Dinamarca na Otan. Enquanto o colapso não vem, é possível afirmar que a Otan está rachada. Apesar disso, as relações entre EUA e Europa se mantém e, ao menos no discurso, o estremecimento está sendo visto como uma oportunidade para a independência europeia. Durante o recente Fórum Econômico Mundial em Davos, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, reafirmou a necessidade da "independência" da Europa. Em particular, ela enfatizou o compromisso europeu com parcerias comerciais globais sólidas e investimentos em tecnologias críticas e defesa. Pelas palavras de von der Leyen, europeus consideram o povo dos Estados Unidos não apenas aliados, mas também amigos. "E mergulhar-nos em uma espiral descendente perigosa só beneficiaria os próprios adversários que ambos estamos tão empenhados em manter fora do cenário estratégico".

O tão esperado Acordo UE-Mercosul, que está inserido nesta estratégia de diversificação da dependência, foi assinado no começo do ano, mas dias depois já foi suspenso. Apesar da oposição da França, Polônia, Áustria, Irlanda e Hungria, o acordo foi aprovado com a mudança de posição da Itália, que se colocava contrária, mas votou a favor. Alemanha, França e Polônia não alcançavam sozinhas os 35% da população europeia necessários para barrar o acordo. A Itália, com cerca de 13% da população da União Europeia, passou a apoiar o texto após negociações que garantiram espaço para sua indústria no mercado latino-americano, além de salvaguardas para o setor agrícola.

Para ser assinado, o acordo tramitou pelo Parlamento Europeu (PE), onde foi aprovado. No entanto, ao retornar para o PE, um grupo de mais de 140 deputados, sobretudo da esquerda e dos verdes, apresentou uma ação pedindo que o Tribunal de Justiça da União Europeia (TJUE) avalie se o acordo é compatível com as leis e tratados vigentes, antes de ser ratificado em plenário pelo Parlamento Europeu e pelos Estados-membros. O pedido foi acatado com o apoio dos Verdes, da Esquerda Europeia e de grupos de direita, bem como de alguns eurodeputados do Partido Popular Europeu (principalmente os polacos) e representantes franceses de todos os grupos. Todos questionam a legalidade do acordo. Os proponentes criticam a divisão do acordo em duas partes: um acordo de parceria com componente político abrangente, que precisa ser ratificado pelos Estados-membros da UE e outro, com um componente comercial que requer apenas a aprovação do Parlamento Europeu, o que permite a ratificação sem o consentimento dos parlamentos nacionais. A ação questiona ainda se cláusulas do tratado limitam a capacidade da UE de definir políticas ambientais, bem-estar animal e proteção ao consumidor. Segundo o TJUE, este tipo de parecer demora, em média, entre 18 e 24 meses para ser proferido. Se o parecer do tribunal for negativo, o acordo de livre comércio não poderá entrar em vigor, a menos que seja alterado.

Correndo por fora, líderes interessados no acordo prometem implementá-lo. É o caso do chanceler alemão, Friedrich Merz, que afirmou que o acordo UE-Mercosul deverá entrar em vigor, de forma provisória, mesmo antes da análise pelo Tribunal de Justiça da União Europeia, assim que o primeiro Estado-membro do Mercosul o ratifique. Legalmente, a Comissão Europeia não tem a obrigação de esperar pelo Parlamento Europeu e poderia começar a aplicá-lo de forma provisória, uma vez que já foi assinado. O único requisito para sua implementação provisória é que algum dos países do Mercosul o ratifique.

No âmbito dos países europeus isoladamente, os destaques vêm de Portugal, Espanha e Itália. Portugal afastou a ameaça da extrema-direita, elegendo Antonio José Seguro, do Partido Socialista, que derrotou André Ventura do Chega. Pedro Sanchez, premiê espanhol, se coloca na contra-mão do movimento anti-imigração, defendendo a importância do trabalho dos imigrantes, num mundo onde a população envelhece rapidamente. Finalmente, a Itália tornou o feminicídio como crime punível com prisão perpétua. Parlamentares italianos aprovaram o projeto de lei por unanimidade e a decisão foi comemorada pela primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni.

A propósito, o risco de ser mulher em uma sociedade patriarcal foi escancarado com a revelação de milhares de arquivos sobre o caso Epstein. Os arquivos atingem em cheio altas lideranças europeias. Apenas alguns dias após a liberação dos conteúdos, Morgan McSweeney, chefe de gabinete do primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer, renunciou após intensa pressão contra ele e o premiê pela decisão de indicar Peter Mandelson ao cargo de embaixador nos Estados Unidos. Os arquivos indicam que Peter Mandelson, lorde e figura histórica do Partido Trabalhista, que aparece de cueca em uma das tantas fotos divulgadas, teria recebido dinheiro do bilionário condenado por crimes sexuais e vazado informações sigilosas do governo. O problema se agravou quando se soube que Starmer já sabia da ligação entre Epstein e McSweeney antes de nomeá-lo embaixador nos EUA. O caso saiu do constrangimento político e virou investigação — com troca de acusações, pedidos de desculpas e uma crise que pode crescer ainda mais. Em um sinal do agravamento da crise, o diretor de comunicações de Starmer, Tim Allan, também se demitiu. Na monarquia britância, o príncipe Andrews, que aparece de quatro apoios sobre uma mulher (que aparenta ser uma criança ou adolescente) já havia sido "destronado". Um ex-ministro de financas e economia da França também é mencionado nestes documentos, que dão conta que ele teria sido apresentado a Epstein na casa do criminoso.

Princesas da Noruega e da Suécia, a primeira mais envolvida do que a segunda, também estão mencionadas nos arquivos. A princesa Mette-Marit, da Noruega, está no olho do furacão com mais de mil menções, pois e-mails revelam uma proximidade na qual ela chegava a chamar o criminoso de "querido". Epstein buscava esposas em Paris e a princesa respondeu que a capital Francesa era boa para adultério e que as escandinavas eram melhores esposas.

Considerações Finais

O ano de 2026 traz desafios importantes à Europa. A guerra na Ucrânia completa quatro anos longe de um fim e outra parte de seu território está sob ameaça de um país, cujo povo é considerado aliado e amigo. Após décadas terceirizando sua defesa e sua segurança para o aliado/amigo a Europa se vê obrigada a correr atras do tempo perdido para se rearmar e poder se defender de ameaças externas, num cenário de desindustrialização e múltiplas crises: energética, econômica, financeira, sem contar a climática que é de todos nós.

Essa situação coloca a União Europeia em uma posição sensivelmente frágil, sobretudo em um mundo cada vez mais complexo e fragmentado. Os recentes atritos, as sanções impostas e as ameaças realizadas pelo presidente dos EUA ao longo dos últimos meses mostram que os americanos, apesar de amigos, podem não ser confiáveis no novo cenário multipolar. Além disso, a Europa hoje é o maior fiador da Ucrânia, onde se trava uma guerra por procuração contra os russos, em decorrência da expansão territorial da Otan.

É curioso notar que mesmo sob uma crise histórica, um acordo com a importância estratégica que tem o UE-Mercosul, venha sendo desdenhado por setores econômicos e políticos específicos.

A suspensão do Acordo envia uma mensagem dúbia ao mundo: a Europa quer diversificar sua dependência e seus parceiros comerciais estratégicos, mas não estão dispostos a ceder em pontos sensíveis. Com este tipo de conduta, o isolamento é o destino mais certo. A Europa construiu relações muito ruins com a Rússia e a China nos últimos anos, se afastando de ambos. Agora esnoba um acordo comercial com o Mercosul, enquanto é esnobada pelos EUA seu principal aliado histórico.

Mario Draghi, que é uma espécie de consultor sênior, ex-primeiro-ministro italiano, e ex-presidente do Banco Central Europeu, em seu mais recente relatório, afirmou que a UE corre o risco de subordinação, divisão e desindustrialização de uma só vez se não se unir mais. Para Draghi, a Europa precisa se tornar "uma verdadeira federação" para evitar a desindustrialização e o declínio: Estados Unidos da Europa, em breve nos jornais.